

7º Domingo depois da Epifania

1ª leitura (Antigo Testamento) - Isaías 43:18-25

A profecia do Dêutero-Isaías, ou do Livro da Consolação, já foi comentada no segundo Domingo do Advento. Esta profecia quer reascender a esperança dos exilados de Judá na Babilônia. Deus libertou o povo do Egito e agora mostra que, através do Império Persa, pode libertar novamente seu povo e fazê-lo retornar para sua terra(43:19-21). No entanto algo deve ser dito sobre os motivos que levaram o povo ao cativeiro na Babilônia. A libertação para ser completa deve começar dentro da comunidade exilada que não pode ficar o resto da vida presa à culpa do passado (43:18).

Um lamento se levanta sobre o antigo Reino de Israel (correspondente as dez tribos do norte) também chamado de Jacó ou Efraim (43:22). Os israelitas do norte foram exilados aproximadamente 150 anos antes da população de Judá pelos Assírios e, segundo esta comunidade exilada de Jerusalém, já não havia mais ninguém que invocasse o nome do SENHOR no antigo Reino de Israel (43:23-24). Mas o ideal da comunidade do Dêutero-Isaías também resiste as intrigas antigas entre norte e sul e entende que da mesma forma que seus pecados lhes foram perdoados Deus perdoaria os pecados e transgressões dos seus irmãos e irmãs do norte (43:25-26).

A beleza deste texto está no insistente amor de Deus que não esquece mas perdoa, não se omite mas transforma, cuja vontade não é condenar ou castigar mas justificar!: *"Desperta-me a memória, entremos juntos em juízo; apresenta a tuas razões, para que possas justificar-te"*.

No Evangelho vemos esse confronto entre o Deus amoroso encarnado em Cristo e a teologia legalista dos escribas preocupados apenas com a letra da Lei (Mc 1:6-8). Parece que o sonho de Isaías não vingou por muito tempo. Quando os sacerdotes e escribas retornaram ao poder depois do exílio babilônico submeteram os sonhos em favor do exercício unilateral do poder sobre o povo. O sonho dos amigos daquele homem doente numa maca de nada valia para os que estavam segados pela letra morta da sua lei.

Como mostra o apóstolo Paulo, o sonho da vida, da unidade e do amor é o sonho que o Espírito Santo nos oferece em forma de dom divino. O sonho de Deus sempre diz "Sim" as esperanças do seu povo assim disse sim aos exilados aos quais se dirigia a profecia de Dêutero-Isaías (2 Coríntios 1:19-20). (HMG)

2ª leitura (Epístola) - II Coríntios 1.18-22

A relação da Igreja de Corinto com o apóstolo foi marcada pelo desentendimento, conflito e processo de reconciliação e cooperação. O trecho selecionado para este domingo é parte do esclarecimento por parte de Paulo face à acusação de que sua mudança de planos de viagens não indo a Corinto como havia prometido. A implicação dessa acusação é a dubiedade e inconstância de Paulo e de seus projetos, (ver vs.17). O que está em jogo é a confiabilidade do Evangelho e de sua proclamação. Por isso, o apóstolo está

convidando os coríntios a reconhecer quem está atrás de seu anúncio. O trecho em questão, embora pareça uma digressão e tenha valor em si como uma peça teológica de importância, não é abstraída de seu contexto.

Vs.18 - Deus é fiel... (ver, também, 1Co 1.9 ; 10.13 é fiel o Deus...). É possível que o apóstolo esteja pensando nos Salmos 111ss... onde a fidelidade Deus é louvada (Ver 111.4ss.). Jesus Cristo é a encarnação, incorporação dessa fidelidade divina. Nele se ouviu o Sim de Deus para as promessas. É isso que parece ser a ênfase do Filho de Deus, Cristo Jesus, no vs.19, (ver 1 Co 2.2 Cristo quer dizer o crucificado). De passagem, as promessas se referem à nova criação, nova aliança de que falaram os profetas. Então, a fidelidade divina se anunciou no estabelecimento da nova aliança não da letra, mas do Espírito (3.6), do derramamento do Espírito Santo (Gl 3.26-29: 4.6ss.) e do ministério da reconciliação (2Co 5.19). Nessa fidelidade divina está a confiabilidade do Evangelho que os de Corinto ouviram e acolheram.

Vs. 20ss. - Jesus Cristo é o Sim, a graça de Deus e, ao mesmo tempo o Amém para Deus. Ai está "toda uma cristologia resumida" numa linguagem de louvor. Essa expressão aparece somente aqui, mas é uma parte da linguagem conhecida da liturgia, (ver Ap 1.6, 7; 3.14; 22.20).

Voltando à questão da confiabilidade da mensagem apostólica, a existência da Igreja em Corinto (ver 1Co 1.4ss) é a confirmação, consolidação de que neles (Igreja) o Sim Amem em Cristo se tornam visíveis. E nisso está a confiabilidade e constância da mensagem e dos projetos apostólicos. Na vida da Igreja, obra paulina está a fidelidade de Deus. Neste sentido, é bom lermos de novo a "nossa palavra" no vs. 18. Então, embora houvesse entre 1º e 2º Coríntios quem quisesse minar o trabalho apostólico, há sinais suficiente em confiar no Evangelho proclamado por Paulo e confiar na sua missão. Essa parece ser a linha de argumentação apostólica.

Vs.21ss. - Unção, selo e penhor do Espírito Santo são partes essenciais da linguagem batismal. O penhor, antecipação da consumação final aponta para a dimensão futura da fidelidade de Deus. Então, a confiabilidade de Deus está voltada para o futuro. Nisso vemos sua capacidade não só de acompanhar a sua comunidade, mas também de ser recurso inesgotável de esperança.

Em tudo isso parece-nos que ouvimos o eco das palavras de Isaías 55.10-11 - "a palavra que sair da minha boca, não voltará vazia". (ST)

Santo Evangelho - Mc 2, 1-12

O povo "invade" a casa de Jesus. Estranhamente aí também se acham os escribas "sentados", em posição de mestres, como se se tratasse da sinagoga. Mas logo vemos que são intrusos, espias, adversários infiltrados. A vida de Jesus e de Seus discípulos está inteiramente a serviço da multidão. Mas, ao mesmo tempo, a multidão é obstáculo que impede a entrada de mais alguém. A atividade de Jesus é sempre a mesma: "Anunciar a Palavra".

De repente, chega alguém que está completamente à margem. É "impuro" (pecador), não há lugar para ele no recinto de convivência coletiva. Mas a entrada da casa vai ser forçada. A narrativa supõe a casa palestinese, que já tinha ordinariamente uma abertura no teto, o qual era chato, e servia de terraço para secagem de alimentos. Não era difícil alargar a abertura, pois a placa era feita de pedaços de madeira, com folhas e barro.

Não se fala explicitamente da fé do enfermo, mas da de "quatro homens" que o carregam, gesto de solidariedade. A casa de Jesus deve abrir-se para além do Judaísmo aos quatro cantos do mundo. A fé tem dois aspectos: é interpretação da ação de Jesus, "leitura" correta de Sua prática (n'Ele está o poder de Deus), e é coragem para romper os obstáculos que nos impedem de aproximar-nos d'Ele. O texto o ilustra muito bem. Os escribas não têm fé, não vêem em Jesus a autoridade de Deus (v7). Os quatro homens, junto com o paralítico, têm coragem de romper todos os obstáculos. Por isso, ao chegarem, Jesus saúda o excluído como membro pleno da casa: Filho.

A doença era considerada castigo pelo pecado. Por isso, como declarar que o homem está perdoado se continua "castigado"? Não devemos esquecer que "pecador" na sociedade de Jesus era termo com forte conotação sociológica, para designar todas as pessoas indignas de participarem da convivência social. Vemos isso claramente quando se associam prostitutas e publicanos a "pecadores". Ser paralítico, inferiorizado, marginalizado era ser "pecador", o mesmo que "impuro". Assim, ao declarar o perdão dos pecados, Jesus estava afirmando a dignidade do homem, sua capacidade de participar da convivência da "casa" de Deus, apesar de suas deficiências. Para os escribas era insuportável, significava jogar por terra todo o seu sistema de discriminações. Sobretudo porque Jesus não se limitava a pedir que o paralítico fosse "olhado" como igual a todos, mas o chamava a ele mesmo assumir nova posição no meio de todos: sentir-se "filho".

Quem tem o poder de quebrar esse sistema? O Filho do Homem. Ora, mais adiante, em 2, 27-28, se diz que o Filho do Homem revela o poder do homem, dos seres humanos, sobre os sistemas estabelecidos. É evidente que o texto tem em vista Daniel 7, 9-15, com seu jogo entre uma figura pessoal e coletiva, com todo o poder de julgamento e a posse do mundo¹. Isso quer dizer o seguinte: ao declarar que "o Filho do Homem tem poder na terra de perdoar pecados", Jesus está dizendo que sua missão é revelar que, a partir d'Ele, nós, seres humanos, temos poder de quebrar as barreiras da discriminação e integrar as pessoas excluídas na convivência comunitária, restauradora da dignidade humana. Assim, o homem, que chegara carregado, pode sair carregando a própria esteira que lhe servia de leito, em testemunho da mudança de condição. E é mandado para casa. Que casa? É claro que agora é "filho", membro da casa de Jesus. (SAGS)